



EDITORIAL

DOSSIÊ FEMINISMO E AGROECOLOGIA

O *Dossiê Feminismo e Agroecologia* da Revista Cadernos de Ciências Sociais que ora vem a público resulta de pesquisas de pós-graduação realizadas na região Nordeste envolvendo instituições locais e estrangeiras com as quais a UFRPE mantém colaboração, a diálogo deste dossiê com outros países também está presente com artigo de uma pesquisadora francesa estudiosa dos processos de construção do conhecimento feminista agroecológico e de uma rica entrevista que analisa essa trajetória na história recente do nosso país, os desafios teóricos mas também políticos diante da atual conjuntura de avanços do conservadorismo no Brasil. Os distintos temas e abordagens indicam como esta agenda é atual e de ampla inserção acadêmica.

O referido dossiê expressa também uma forte atuação acadêmica na agroecologia do Departamento de Ciências Sociais (DECISO), que está integrado em cursos de graduação e pós-graduação na área, mantém presença em associações científicas nacionais e internacionais, grupos de pesquisa locais e interinstitucionais, e sede do III Colóquio Internacional Feminismo e Agroecologia que realizamos em abril de 2019 com a participação de mais de 500 participantes entre acadêmicas, movimentos sociais, extensionistas. Essa inserção faz deste dossiê expressão de um cotidiano do fazer acadêmico.

O dossiê tem início com a entrevista a Emma Siliprandi, uma das pesquisadoras responsáveis pela inauguração desta área de estudos no Brasil. Nela, as leitoras e leitores, podem além de conhecer um pouco sobre a trajetória desta militante, pesquisadora e gestora de projetos internacionais, encontrar uma reflexão sobre a indissociabilidade da agroecologia e do feminismo, uma análise da escassa institucionalização desta agenda na formação acadêmica no mundo, e a sua percepção de temas necessários mas ainda pendentes na agenda acadêmica deste campo de estudos, tais como, a da proposição do feminismos camponeses, o racismo, o colonialismo e a violência. Por fim podemos conhecer suas reflexões sobre o momento da pandemia do Covid 19 e suas interfaces com uma conjuntura tão nuançada com os conflitos políticos e desigualdades que se aprofundam neste período.

Na direção das reflexões sobre o conhecimento acadêmico no campo da agroecologia, o artigo *Agroecologia, uma ciência “norma(l)cho sobre as escrituras científicas, o androcentrismo* nos brinca uma rica reflexão baseada na sociologia das ausências problematizando as análises sobre a trajetória dos estudos da agroecologia. A provocação realizada pela autora ao denomina-la de ciência norma(l)cho revela como há uma forte invisibilidade das reflexões



teóricas das mulheres acadêmicas na agroecologia, acionadas por distintos mecanismos de exclusão tais como o efeito Mathilda e as formas de citação científica e bibliométrica. Indica também como essas práticas acadêmicas se associam à restrita importância outorgada ao feminismo agroecológico por importantes referências teóricas deste campo de estudos.

Os demais artigos aqui reunidos nos apresentam pesquisas realizadas no Nordeste, com predominância em territórios sertanejos, tratam-se de produções acadêmicas que abordam uma diversidade de temas e se conectam de forma estreita com a autonomia econômica e a ação coletiva de movimentos sociais de mulheres que integram o movimento agroecológico no país.

Apresentam-se aqui reflexões baseadas na teoria feminista, especialmente nas interfaces existentes entre o ecofeminismo, a economia feminista, ecologia política e a linguística. Atravessam distintos campos disciplinares: as ciências sociais, mas também as ciências agrárias, a economia e letras.

Tratam-se de estudos engajados com a transformação da realidade, apontam mudanças e processos de resistências frente ao modelo agroalimentar hegemônico. Questionam as relações de poder que se expressam nas desigualdades de acesso aos bens comuns - a água e a terra, nas distintas formas de violações de direitos, na divisão sexual do trabalho ao problematizar o trabalho doméstico e de cuidados, os conflitos de gênero na gestão dos bens comuns e da agrobiodiversidade, mas também na ação coletiva de movimentos sociais agroecológicos e a violência sexista. Mostram as fissuras e possibilidades de mudanças econômicas estruturais, mas também simbólicas, políticas e culturais.

As autoras indicam as contribuições das mulheres na construção de um modelo sustentável de agricultura que garante a segurança e soberania alimentar, a preservação da biodiversidade, a partir de um olhar atento aos quintais como expressão dos espaços-tempos das mulheres, seus significados e desafios.

O Dossiê apresenta inicialmente dois artigos envolvendo pesquisas realizadas no estado do Rio Grande do Norte, o primeiro deles envolvendo reflexões a partir do feminismo sobre comercialização numa experiência de feira constituídas por famílias em transição agroecológica, e o segundo sobre resistência feminista frente ao agro e hidronegócio a partir de palavras como agentes de memória e conflitos e os outros dois num mesmo território de Pernambuco – o sertão do pajeú - região de forte atuação do movimento agroecológico com um rico registro da experiência de pesquisa-ação do projeto Cadernetas Agroecológicas.

O artigo *Ações de Solidariedade Feminista: relato de uma prática internacionalista da Marcha Mundial das Mulheres* nos apresenta um rico registro de ação de resistência coletiva protagonizado por esse movimento de



mulheres contra o agronegócio e o hidronegócio na Chapada do Apodi com o Projeto Irrigado Santa Cruz do Apodi (PISCA), um consórcio de empresas transnacionais e parceria com o governo federal por meio do Departamento Nacional de Obras Contra a Seca (DNOCS) do Ministério da Integração que desapropriou terras de comunidades rurais de agricultoras/es familiares, afetou áreas da reforma agrária e desorganiza exitosas experiências agroecológicas e de convivência com o semiárido.

O artigo nos apresenta um breve histórico da Marcha Mundial das Mulheres, das ações desenvolvidas no dia 24 de abril Dia Internacional de Solidariedade Feminista e em particular da marcha realizada em 2012 nas margens da BR 405 com a participação de 2 mil mulheres que findaram a manifestação com a troca de placas das obras do projeto por uma outra contra o “projeto da Morte do DNOCS”. Uma forma simbólica de luta que também ganhou respaldo nacional e internacional das redes sociais com a campanhas “#Somos Todas Apodi”.

O artigo discute a relação multisemiótica entre as placas, e se apoia na reflexão de Bakhtin sobre a posição responsiva dos ouvintes e o questionamento da ideia de neutralidade linguística, a impossibilidade de desvencilhar os enunciados e manifestações discursivas da interação entre os interlocutores do autor, bem como na compreensão das palavras como agentes e memórias sociais entrelaçadas por uma multidão de fios ideológicos paradoxais entre si como um terreno de conflitos sociais.

Em *Mulheres, gênero e agroecologia na feira de agricultura familiar de São José de Mipibu* as autoras buscam compreender as relações das mulheres agricultoras com a comercialização em processos de transição agroecológicas a partir de um olhar sobre a feira e a família camponesa, e particularmente uma análise da divisão sexual do trabalho na produção e reprodução e suas relações com as transformações propiciadas pela feira da agricultura familiar.

Indicam um debate conceitual sobre as transformações dos sistemas agroalimentares, da agroecologia como alternativa sustentável para a agricultura e garantia da soberania alimentar como parte de um projeto civilizatório, apoiado em experiências concentradas de organização social que preserva a agrobiodiversidade, afirmam a identidade camponesa, e se sustentam numa racionalidade econômica baseada na economia substantiva em oposição à lógica do mercado.

No desenvolvimento do artigo as leitoras e os leitores podem encontrar uma breve história da agroecologia no Brasil, as suas relações com o feminismo e o ecofeminismo em particular e a economia feminista. O ponto de partida da análise é a do conflito nos grupos domésticos camponeses, um olhar que permite observar hierarquias no acesso aos bens, na produção e na comercialização, bem como uma problematização da agroecologia como uma alternativa real de



superação das relações de poder para além do redesenho das propriedades rurais e da produção agrícola a partir de critérios ecológicos.

Parte da inserção e valorização das mulheres na agroecologia para descrever a história, as relações com as políticas públicas dos governos populares, caracteriza as famílias envolvidas, as relações de parentesco, a constituição de redes de apoio e confiança mútua, a diversidade de relações econômicas sob uma outra economia coexistente embora que não hegemônica.

Analisa-se as relações com o excedente, autoconsumo, formas de obtenção e uso da renda, os consumidores, o cuidado e sustentabilidade da vida, para mostrar os significados da participação na feira e a constituição de novas relações sociais na feira: com a saúde, os saberes, os espaços-tempos das mulheres. Sob a inspiração de Alicia Puleo que propõe a ruptura com os dualismos opressivos mostra as conexões do público e do privado, o gênero e a relação dos ciclos familiares com os usos do tempo, os filhos e a diversidade de relações de trabalho envolvidas, bem como as suas interfaces com a condição e tamanho da terra.

O destaque especial da pesquisa é a reflexão apresentada sobre o acesso e o tamanho da propriedade já que mostra como o poder de gestão que as agricultoras desempenham está relacionado com o tamanho da propriedade, conflitos de gênero do uso da terra apenas diminuem quando só é possível viabilizar uma produção nos quintais. As autoras mostram também como a divisão sexual do trabalho na família permanece inalterada quando do ingresso das mulheres em circuitos monetários propiciados pela feira e como a feira por sua vez não desperta a necessidade de alterar a atual divisão sexual do trabalho revelando que apesar de um espaço protagonizado por mulheres há ainda um longo caminho a ser percorrido para alcançar a igualdade de gênero no processo de transição agroecológica envolvido.

O artigo *Caderneta agroecológica: A contribuição das mulheres para a soberania e segurança alimentar e conservação da agrobiodiversidade* apresenta algumas reflexões a partir dos dados sistematizados das Cadernetas Agroecológicas de mulheres agricultoras agroecológicas do Sertão do Pajeú, Pernambuco, como parte de uma pesquisa nacional desenvolvida pelo Grupo de Trabalho de Mulheres da Articulação Nacional de Agroecologia – ANA. A Caderneta Agroecológica é um instrumento político pedagógico pensado para sistematizar a produção protagonizada pelas mulheres rurais e nos permite re/conhecer as lógicas e racionalidades que movem a produção agroecológica das mulheres rurais. Com 4 colunas em que se divide em “o que eu como, o que vendo, o que doo e o que troco”, os dados são anotados pelas próprias agricultoras e ou alguma pessoa próxima delas, nos fornecem um conjunto de elementos que, a partir do diálogo com a economia feminista, a teoria feminista e ecologia política, nos fornece elementos para questionar os padrões



economicistas tradicionais e as leituras sociológicas que não reconhecem as mulheres como produtoras de bens, sobretudo, como geradoras de renda e sujeitos políticos.

Entrecruzando os dados obtidos pelas cadernetas com a leitura dos mapas da biodiversidade e da divisão sexual do trabalho, as autoras apontam algumas questões fundamentais para que possamos ampliar nossos olhares e construir novas questões teóricas, políticas e de pesquisa, quer sejam no campo da economia, da sociologia, da antropologia, e das ciências agrárias. A pesquisa coloca as mulheres rurais, agricultoras agroecológicas como sujeitos centrais nas práticas de cuidado e da garantia da vida. São elas as que garantem as Segurança e soberania alimentar das famílias, dado que parte significativa do que produzem se destina ao autoconsumo, mas também têm um papel indispensável na geração de renda, demonstrando sua contribuição econômica, são guardiãs da agrobiodiversidade, pois manejam espécies animais, vegetais, frutíferas, plantas medicinais, plantas ornamentais, separam e guardam sementes crioulas (animais e vegetais), e por fim, são portadoras de conhecimentos e saberes fundamentais para a transição agroecológica e para a reprodução do agroecossistema e da vida.

O artigo *A percepção sobre os quintais rurais por mulheres agricultoras do Sertão do Pajeú- PE* as autoras trazem um olhar sobre um espaço que historicamente foi invisibilizado e marcado pela lógica da divisão sexual do trabalho, sendo reconhecido como uma ampliação da casa, ou seja, do espaço doméstico, que é considerado o “espaço das mulheres”. Partindo do questionamento desta lógica, as autoras apresentam os distintos usos e percepções dos quintais, mostrando que este também é um espaço marcado pela cultura local, mas que responde as ações e intervenções sociais, políticas e culturais. Também nos mostram que os quintais não são homogêneos, ou seja, um quintal no semiárido brasileiro, não é o mesmo da região amazônica, mas sabe-se que é neste espaço, perto das casas, onde parte significativa da produção para o autoconsumo é realizada, onde os conhecimentos das mulheres são experimentados e partilhados e onde também passa a ser espaço para ação de políticas públicas, como o Programa 1 Milhão de Cisternas –P1MC da Articulação do Semiárido Brasileiro-ASA.

O estudo se desenvolve no Sertão do Pajeú, território marcado pela presença de movimentos sociais, como o Movimento da Mulher Trabalhadora do Sertão Central, Organizações feministas como a Casa da Mulher do Nordeste-CMN e Organizações do campo Agroecológico, fazendo com que seja uma terra fértil para as ações agroecológicas que apontem para outro modelo de desenvolvimento rural.

Para a pesquisa foram realizadas entrevistas com as mulheres acompanhadas pela CMN em que buscou-se compreender a relação estabelecida entre as agricultoras com o quintal, com foco nas suas percepções sobre o espaço



a partir de temas como trabalho, autonomia e conservação da agrobiodiversidade. Algumas das perguntas também abordavam os sentidos e significados dado pelas agricultoras a esse espaço.

A abordagem teórica trazida pela autora para leitura e análise das entrevistas dialoga com a teoria feminista e a economia feminista, onde questões como trabalho e a divisão sexual do trabalho, relações sociais de sexo, esfera pública e privada, apresentam centralidade nas problematizações do texto, mostrando as tensões existentes entre as distintas percepções das mulheres sobre os seus quintais: como espaço de prazer, de trabalho, de trocas, mas também da invisibilidade, da violência e dos conflitos vivenciados cotidianamente pelas mulheres.

Andrea Lorena Butto Zarzar
Laeticia Medeiros Jalil

Uma boa leitura!